

As histórias em quadrinhos e a COMPÓS: um olhar crítico e uma relação epistemológica com a comunicação

Comics and COMPÓS: a critical perspective and an epistemological relationship with communication

Thiago Henrique Gonçalves Alves¹

Universidade Federal do Ceará



10.11606/2316-9877.2025.v13.e238724

Resumo

Apresenta reflexão sobre a elaboração do estado da arte para uma tese em andamento. Propõe analisar como a COMPÓS, um dos maiores eventos da área de Comunicação no Brasil, aborda as histórias em quadrinhos, utilizando como método o proposto por Barichello (2016). A partir dos resultados obtidos, propomos uma reflexão epistemológica sobre a relação entre quadrinhos e comunicação, fundamentada em autores como Cirne (1970, 1975), Cagnin (1975), Luyten (1987), Barbieri (2017), Sousanis (2017) e Hatfield (2010). Ao final, percebe-se não somente a relação entre histórias em quadrinhos e comunicação, mas também a natureza interdisciplinar que permeia essas duas áreas do conhecimento.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Comunicação. Estado da arte. Epistemologia. Interdisciplinaridade.

Abstract

It presents a reflection on the development of the state of the art for an ongoing thesis. Its objective is to analyze how COMPÓS, one of the largest Communication events in Brazil, addresses comics, employing the method proposed by Barichello (2016). Based on the results obtained, an epistemological reflection is proposed on the relationship between comics and communication, grounded in the works of Cirne (1970, 1975), Cagnin (1975), Luyten (1987), Barbieri (2017), Sousanis (2017), and Hatfield (2010). The findings reveal not only the connection between comics and communication but also highlight the interdisciplinary nature that characterizes these two fields of knowledge.

Keywords: Comics. Communication. State of the art. Epistemology. Interdisciplinarity.

¹ Doutorando e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciado em Letras e bacharel em Cinema, ambos pela UFC. Membro do grupo de pesquisa Oficina Invisível de Investigação em Quadrinhos (UFC) e do Paralaxe – Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica, Arte e Comunicação (UFC). Bolsista CAPES (DS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4859655986973624>. Email: thiagohgalves@alu.ufc.br. ORCiDiD: <https://orcid.org/0000-0002-6406-8392>.

Introdução

As histórias em quadrinhos têm um papel fundamental no percurso da Comunicação. O presente artigo é parte de uma tese em andamento e pretende dar início à criação de um estado da arte direcionado aos anais Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em comunicação (COMPÓS). Como metodologia vamos utilizar o capítulo da Eugenia Mariano da Rocha Barichello (2016), “A autoria na elaboração de uma tese”, no qual a autora tece uma série de conceitos envolvendo questões de autoria na escrita de uma tese, algo que vale para outros textos acadêmicos também. O que nos interessa aqui é o pensamento dela sobre o estado da arte no que diz respeito a uma pesquisa exploratória que tem como principal base a análise em portal de periódicos, grupos de pesquisa, Google Acadêmico, etc. Ela aponta 9 caminhos para a elaboração do estado da arte no campo da Comunicação, destacamos:

(a). Fazer uma primeira pesquisa exploratória no Google acadêmico e outras fontes como o site da COMPÓS, sites de programas de pós-graduação e repositórios para ver quem está trabalhando com o tema, a partir das palavras-chave já identificadas. (Barichello, 2016, p. 135).

Escolhemos, então, olhar para a COMPÓS, em especial aos anais de evento que estão disponíveis em seu site. A partir dessa leitura, surgem questionamentos que propomos responder ao longo deste trabalho:

- 1) Como a COMPÓS trata as pesquisas em quadrinhos? Seja em Grupos de Trabalho (GT) específicos ou em números de artigos publicados;
- 2) Como o encontro anual poderia ser um espaço para debater a existência dos quadrinhos como algo presente na área da Comunicação?

Com base nisso, vamos dividir o trabalho em duas partes: a primeira propondo um olhar crítico para os anais da COMPÓS, relacionando os estudos de histórias em quadrinhos, entre os anos 2000 a 2024. A segunda parte deste artigo será direcionada a uma série de reflexões e conceitos sobre a Epistemologia da Comunicação e sua relação com os quadrinhos. A hipótese

defendida é que, por compartilharem elementos em comum, como sua natureza interdisciplinar, a comunicação e a linguagem dos quadrinhos estariam interligadas.

1 - A relação histórias em quadrinhos e COMPÓS

Percebemos que existe uma lacuna nos anais da COMPÓS quando buscamos pelo termo quadrinhos e uma falta de reconhecimento das histórias em quadrinhos como uma fonte de conhecimento científico. Para efeito de comparação, analisamos os eventos das *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos* promovidos pelo Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicação e Artes (USP), entre os anos de 2011 e 2019, quando se publicavam os artigos completos em forma de anais, pois a partir de 2023 os artigos completos das Jornadas passaram a sair em formato de dossiê temático pela revista *9ª arte* (USP)². Contabilizamos 789 artigos publicados. A tabela 1 resume os anos em que as *Jornadas de Quadrinhos* foram realizadas, mostrando a quantidade de Grupos de Trabalho (GTs) e a quantidade de artigos produzidos.

Tabela 1 - Relação evento, grupos de trabalhos e artigos produzidos

Evento	Quantidade de GTs	Artigos
1as Jornadas	15	180
2as Jornadas	15	133
3as Jornadas	6	150
4as Jornadas	6	84
5as Jornadas	6	123
6as Jornadas	7	119
TOTAL DE ARTIGOS PRODUZIDOS		789

Fonte: Elaborada pelo autor, com base nos anais online do evento

Esses dados ressaltam a discrepância entre um evento dedicado ao campo dos quadrinhos, com menor tempo de existência que a COMPÓS. Por ser um evento de natureza interdisciplinar, as *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos* agregam o objeto “quadrinhos” a diferentes campos de conhecimento. Portanto, comparar o número total de 789 trabalhos com os nove

² Disponível em: <https://revistas.usp.br/nonaarte/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

referentes aos encontrados nos anais da COMPÓS, não demonstra a realidade da diferença entre os dois eventos, se considerarmos a área comunicação.

Para aproximar mais os números da realidade, optamos por fazer um levantamento com base nos elementos paratextuais dos 789 artigos. Buscamos, nos títulos, nas notas de rodapé com a titulação dos autores e nas palavras-chave, a palavra “comunicação”, abrangendo assim trabalhos dos mais diferentes níveis de ensino, que vão desde discentes da graduação até professores com doutorado. No total foram encontrados a soma de 125 artigos, expostos na tabela 2.

Tabela 2 - Resultado de trabalhos vinculado a comunicação

Evento	Quantidade de Trabalhos	Estimativa de trabalhos relacionados com a Comunicação.
1as Jornadas	180	40
2as Jornadas	133	20
3as Jornadas	150	6
4as Jornadas	84	15
5as Jornadas	123	21
6as Jornadas	119	23
TOTAL DE ARTIGOS PRODUZIDOS RELACIONADOS AO CAMPO DA COMUNICAÇÃO		125

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos anais online do evento

Gostaríamos de ressaltar, contudo, algo que chamou a atenção durante o levantamento. Os anais das *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos* não apresentam uma padronização de publicação. Há, claramente, um modelo a ser seguido; inclusive, alguns trabalhos nem foram renomeados nos metadados do arquivo e ainda têm o nome de “modelo de artigo”, que não foi obedecido pelos autores. Há trabalhos em que não existe, por exemplo, a nota de rodapé indicando a instituição de ensino à qual a pessoa que escreveu o artigo está vinculada. Outros apresentam somente o nome da instituição, por exemplo, “Universidade de São Paulo (USP)”, sem indicar um curso ou departamento. Percebemos também que falta padronização nas palavras-chave, o que dificultou o levantamento desses dados. Ressaltamos ainda que esses problemas foram mais comuns nos primeiros eventos, tornando-se mais organizados a partir das 5ªs Jornadas. Assim, embora o número de trabalhos sobre quadrinhos vinculados à área da Comunicação não vá diminuir, existem grandes chances de que seja maior do que o que foi levantado nesta pesquisa.

Voltando nosso olhar para a COMPÓS, o intuito inicial era buscar um Grupo de Trabalho específico para quadrinhos, o qual não existe. No site da COMPÓS³ tem o link com os anais de todos os eventos a partir do ano 2000. Entre os anos de 2001 e 2024, nos Grupos de Trabalho (GT) ou Eixos Temáticos (ET), ao longo dos anos, com a expansão do que se entendia por comunicação, o número de GTs aumentou significativamente ao longo desses 25 anos. Em 2000, durante o 9º encontro anual da COMPÓS, o evento teve 98 trabalhos divididos em 10 GTs. Em 2024, quando aconteceu o 33º encontro, foram computados 239 trabalhos em 24 Grupos de Trabalho. Esse número de GTs permanece para o ano de 2025.

Para este artigo, utilizamos o método de Barichello (2016) ao realizarmos um levantamento inicial de dados nos anais da COMPÓS, utilizando a ferramenta de busca por autor e título. Utilizamos os termos “histórias em quadrinhos”, “quadrinhos”, “HQ”, “HQs” e “mangá” para nossa pesquisa, descartando “narrativa sequencial” por considerá-lo muito abrangente e, consequentemente, abarcar outras linguagens como cinema ou literatura. Para nossa surpresa, o número foi baixo em comparação a outros temas ou dispositivos midiáticos como o cinema, que inclusive tem um Grupo de Trabalho próprio chamado “Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual”. Esse levantamento evidencia uma lacuna nos estudos sobre histórias em quadrinhos na COMPÓS, um dos principais eventos da área. Sintetizamos nosso achado na tabela 3.

Tabela 3 - Trabalhos sobre Quadrinhos apresentados desde o ano 2000 até 2024

As histórias em quadrinhos na COMPÓS			
Ano	Título do trabalho	Pessoa(s) autora(as)	Grupo de Trabalho
2000	Histórias em quadrinhos e pós-modernidade: da imagem grafada à imagem digital.	Maria Beatriz Furtado Rahde	Criação e Poéticas Digitais

³ Disponível em: <https://COMPÓS.org.br/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

2002	Histórias em quadrinhos e hipermídia: o Processo criativo da HQtrônica "NeoMaso Prometeu"	Edgar Silveira Franco	Criação e Poéticas Digitais
2009	De discursos não competentes a saberes dominantes: reflexões sobre as histórias em quadrinhos no cenário brasileiro.	Gêisa Fernandes D'Oliveira e Waldomiro Vergueiro	Mídia e Entretenimento
2011	Histórias em quadrinhos e a cultura contemporânea: a relação do herói com a autoridade policial e com o governo vigente.	Ronaldo George Helal e José Carlos Messias Santos Franco	Comunicação e Cultura
2013	Experiência estética na cultura midiaticizada: hibridações entre música e história em quadrinhos	Laan Mendes de Barros	Comunicação e Experiência Estética
2013	A transposição luciferina de Hellblazer, das HQs para o cinema: a sedução dos pactos fáusticos	Denise Azevedo Duarte Guimarães	Imagem e Imaginários Midiáticos
2019	Os limites do histórico no quadrinho documental	Felipe de Castro Muanis	Cultura das Mídias
2020	IMAGENS-SONHO E RAZÃO POÉTICA: aproximações entre o tarô e as histórias em quadrinhos	Florence Marie Dravet e Ciro Inácio Marcondes	Imagem e Imaginários Midiáticos
2024	DO ORUM AO AYÊ: a contribuição dos quadrinhos brasileiros de super-heróis para narrativas divergentes	Ademilton Gomes da Silva Júnior e Fábio Gouveia	Comunicação e Cultura

Fonte: elaborado pelo autor, com base no site da COMPÓS

Percebemos que as histórias em quadrinhos nunca foram o principal foco da COMPÓS, seja pela escassez de trabalhos - somente 9 nos últimos 25 anos, como pela falta de um Grupo de Trabalho próprio, o que evidencia uma lacuna que os quadrinhos têm no evento. Esses dados respondem nosso primeiro questionamento feito no início desse artigo: como a COMPÓS trata as pesquisas

em histórias em quadrinhos, seja em Grupos de Trabalho (GT) específicos ou em números de artigos publicados? Essa falta de trabalhos é intrigante, principalmente se considerarmos a natureza da consolidação das histórias em quadrinhos no cenário científico nacional. Inclusive, intelectuais brasileiros da área de Comunicação e Informação afirmam: “o quadrinho é um produto com raízes populares, e mais popular ainda foi sua difusão. (...) Desde o início, sua característica foi a de comunicação de massa, uma vez que atingia um público enorme” (Luyten, 1987, p. 9-10). Reforçamos com a seguinte passagem:

A primeira pesquisa formal sobre histórias em quadrinhos em ambiente universitário no Brasil foi coordenada por José Marques de Melo, no Centro de Pesquisas da Comunicação Social da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, na cidade de São Paulo. Foi realizada em 1967 e pode-se dizer que se encontra inserida na linha funcionalista dos estudos de Comunicação (Vergueiro; Santos, 2014, p. 276).

Outro ponto que consideramos sobre esse levantamento é a ausência de um GT único para as histórias em quadrinhos. Os 9 trabalhos encontrados foram distribuídos em 6 Grupos de Trabalho diferentes. Certamente, a escolha do(as) autores(as) para determinado GT se deve à proximidade que seu trabalho tem da discussão geral daquele grupo. Contudo, esse pensamento levanta uma pergunta: por qual motivo não existe um GT específico para trabalhar as histórias em quadrinhos? Essa questão se torna ainda mais urgente se olharmos para o número de trabalhos com a temática de comunicação levantados na tabela 2, bem como o número de trabalhos com a temática da comunicação apresentados nas Jornadas.

2 - Comunicação, quadrinhos e epistemologia

Uma vez estabelecida a relação histórica dos estudos de quadrinhos nos anais da COMPÓS, vamos aprofundar o debate a partir do ponto de vista epistemológico, a relação dos quadrinhos com o campo da Comunicação. Os quadrinhos, como uma linguagem moderna que emergiu no século XIX, começaram a ser publicados em veículos de massa, principalmente jornais. Essa forma de arte não somente se popularizou, mas também engajou em um diálogo

crítico com obras clássicas, tradições e questões sociais. A raiz popular dos quadrinhos está pautada principalmente na forma de fazer e na sua distribuição, ao ser amplamente divulgado em jornais, por exemplo, com um papel de qualidade duvidosa e a preço barato sua popularidade angariou público (Luyten, 1987).

Claro que estabelecer um ponto de início preciso da difusão das histórias em quadrinhos é algo impreciso. Nick Sousanis (2017) utiliza dois conceitos importantes para entender a imprecisão em determinado fato. O primeiro é o de paralaxe:

a distância que aparta nossos olhos implica uma diferença na visão que cada um produz - e assim não há uma vista única ou 'correta'... e é esse deslocamento - a paralaxe - que possibilita que percebamos a profundidade. Ao fazermos meia volta em torno do sol, criamos dois olhos bem distanciados, o deslocamento entre cada observação, frente ao longínquo pano de fundo do cosmo, possibilita-nos calcular a distância das estrelas. Assim desaplanando o céu noturno para que ele revele as profundezas do espaço (Sousanis, 2017, p. 31).

E o segundo é o de desaplanar: “Desaplanar é envolver múltiplos pontos de vista para, a partir deles, produzir novos modos de ver” (Sousanis, 2017, p. 32). Esses conceitos demonstram que as coisas nem sempre seguem um único ponto de vista. Assim, não é tão incomum encontrar manuais de “História das Histórias em Quadrinhos”, que têm seu valor como objeto de estudo, mas que não devem ser levados literalmente, principalmente se tratando de metodologia de pesquisa histórica.

Trazendo uma visão mais crítica, no seu livro *História potencial*, Ariella Aïsha Azoulay (2024, p. 26) afirma que “Desaprender é um compromisso de pensar contra e antes do imperialismo - sem esquecer, nem por um momento, a que ponto o imperialismo nos condiciona e nos convoca a atuar como seus agentes”. Ela se refere aos padrões históricos impostos por uma política imperialista, o qual podemos assim relacionar a um padrão historiográfico que domina o surgimento das histórias em quadrinhos. A dada medida, o diálogo entre Azoulay e Sousanis possibilita demonstrar que nem sempre a história é contada da maneira como aconteceu ou que seus pontos de vista podem ser variados conforme a ótica adotada para análise.

Por exemplo, o ítalo-brasileiro Ângelo Agostini foi um dos pioneiros na popularização das histórias em quadrinhos, tanto no Brasil quanto no mundo. Sua carreira começou na segunda metade do século XIX, e ele contribuiu para diversos jornais e revistas da época, principalmente com um enfoque abolicionista e antimonárquico. Anterior a Agostini, ainda no século XIX, temos a figura de Rodolphe Töpffer, professor suíço, que elaborou aquilo a que chamou de “literatura em estampas”. No final do século XIX, surgiu “O Garoto Amarelo” (The Yellow Kid), personagem criado por Richard Outcault, que estampava os principais jornais de Nova Iorque. No Japão, os mangás são publicados desde o século XIX, mas sofreram uma grande transformação no século XX. Segundo Luyten (2012), a indústria de quadrinhos japonesa sofreu sua principal mudança no pós-Segunda Guerra Mundial, quando a popularidade do mangá cresceu por ser uma mídia barata, e os principais mangás passaram a ser publicados em revistas consideradas descartáveis, devido ao tipo de papel utilizado. Somente as histórias que alcançam notoriedade junto ao público ganham edições fechadas e com melhor acabamento, conhecidas como *tankobons*. Este é um pequeno exemplo dos diferentes pontos de vista sobre o surgimento dos quadrinhos no mundo e sua relação com a cultura de massa e comunicacional, especialmente por meio de jornais e revistas.

Esse tema também está presente em maior profusão no livro *Imageria - O Nascimento das Histórias em Quadrinhos* e de maneira mais sucinta no *HQ: uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações* ambos do autor Rogério de Campos (2015; 2022). Ressalta-se, contudo, que esses dois livros não têm um caráter acadêmico, mas, a partir do olhar de um entusiasta, permitem ver exemplos visuais das diversas origens ao longo do tempo daquilo que chamamos e entendemos como quadrinhos.

Olhando a partir do século XXI, os quadrinhos sempre tiveram o caráter de se difundir por meio de revistas, jornais de papel barato, fanzines e diversos outros formatos, alcançando um amplo público de leitores. Essa natureza massiva dos quadrinhos compartilha um elemento comum à história da comunicação de maneira geral e - por que não? -, à sua dimensão epistêmica. No livro *Comunicação e culturas do cotidiano*, Isabel Ferin (2009) apresenta definições importantes sobre o que é comunicação e como ela se relaciona com os estudos culturais.

Nesta exposição o conceito de Comunicação compreende todos os fenómenos de interacção efetivados de forma presencial ou mediado por instituições, inclusive pelos media. Considera-se ainda que nas sociedades democráticas e ocidentalizadas, todos os fenómenos de interacção, sejam eles fisicamente mediados ou não pelos media, só podem ser compreendidos tendo como pano de fundo a comunicação mediatizada e as interacções propiciadas por esta. (Ferin, 2009, p. 24).

Ela observa que existem várias teorias da comunicação, oriundas de diferentes correntes de pensamento e pesquisa ao longo dos séculos XX e XXI. O que todas elas têm em comum? São as mídias e novas mídias, que segundo Ferin (2009), estão no centro do debate de Comunicação e Cultura. Somando a esses conceitos, Daniel Bounoux (1999) apresenta um pensamento que alinha a comunicação não como algo estático, mas dinâmico, capaz de dialogar, atravessar e ser atravessado por outras áreas do conhecimento.

Se comunicar é primeiramente 'ter em comum', o mundo moderno e as redes que cobrem e não cessam de renovar nossas maneiras de estar junto, e de ramificar nossos mundos fragmentando-os. A vertiginosa diversidade das escalas da comunicação, do interpessoal ao planetário, e a imbricação dos níveis fazem duvidar que uma disciplina possa sozinha apropriar-se de semelhante 'campo'. Se uma interdisciplina denominada 'comunicação' tateia, hoje, em busca de sua consistência, esta não advirá senão por meio do debate e da confrontação entre os saberes (Bounoux, 1999, p. 29)

Bounoux aproxima a comunicação da interdisciplinaridade, algo que poderia se aplicar igualmente aos quadrinhos. Basta olhar nos sumários dos diferentes dicionários da área de Comunicação para perceber a diversidade de caminho que essa área científica pode estabelecer. Apesar do viés interdisciplinar proposto na passagem de Bounoux e observado nos dicionários e manuais da área, não é possível assumir essa instância sem a busca por um viés crítico e a consideração dos perigos que uma análise interdisciplinar pode apresentar.

Desse modo, Katrine Tokarski Boaventura, em seu artigo "Interdisciplinaridade e comunicação: um levantamento crítico" publicado nos anais da COMPÓS em 2015, trata a questão da interdisciplinaridade na área de Comunicação a partir de um olhar crítico. Ela reforça a complexidade e a

interdisciplinaridade na área da comunicação, mas opta por demonstrar que isso pode ser problemático, principalmente devido à possibilidade de superficialidade, resultando em análises que podem ser comprometidas, seja pela falta de domínio do assunto por parte do pesquisador ou pela falta do rigor científico. Isso poderia gerar uma falsa correlação entre o conhecimento científico e o senso comum, comprometendo a identidade própria da área da Comunicação.

Até certo ponto concordamos com Boaventura (2015). De fato, o viés interdisciplinar, principalmente no âmbito analítico, pode cair nesse caminho do senso comum ou de falta de aprofundamento em determinado aspecto, o que consideramos problemático para a manutenção da Comunicação como uma área de conhecimento científico. Contudo, é inegável a colaboração do pensamento interdisciplinar para sustentação da área. Basta ver, por exemplo, o número de Grupos de Trabalho da própria COMPÓS.

Assim, embora concordemos que uma análise interdisciplinar possa enfraquecer esse rigor científico, não podemos esquecer que a Comunicação, enquanto área, nasce justamente dessa interdisciplinaridade, o que não impede que a análise do objeto seja realizada sob um olhar crítico e analítico.

Sobre a interdisciplinaridade nos quadrinhos, ela é tratada desde sempre dentro do âmbito acadêmico. Como exemplo, citamos o clássico texto “Leitura de ‘Steve Canyon’”, presente no livro *Apocalípticos e integrados* de Umberto Eco (1964), no qual o autor apresenta clara referência à linguagem cinematográfica para falar da história em quadrinho. Esse texto de Eco é considerado por muitos pesquisadores da área como um dos primeiros a falar dos quadrinhos propondo uma metodologia científica ou de análise. No Brasil, a pesquisa em quadrinhos foi pioneira na década de 1970; o pesquisador Antônio Luiz Cagnin (1975) publicou um livro chamado *Os quadrinhos*, no qual ele já ressalta o caráter interdisciplinar das histórias em quadrinhos:

Sem a pretensão de traçar as origens dos quadrinhos (a gênese está fora das nossas cogitações e alcance), apresentamos algumas razões que poderiam ser discutidas em outras áreas próprias, nas quais, como tema, estas justificativas genéticas pudessem ser melhor desenvolvidas. Histórias em quadrinhos poderiam ser vistas das seguintes perspectivas (Cagnin, 1975, p. 21).

Os caminhos que os quadrinhos poderiam seguir em termos de pesquisa, segundo Cagnin (1975), eram literários, históricos, psicológicos, sociológicos, didáticos, estético-psicológicos, de valores e, por fim, publicitários. Ele finaliza: “Essa nova forma de comunicação de massa firmou-se há mais de 70 anos. Passou por diversas vicissitudes: desinteresse, perseguição, censura e, hoje, louvores e um lugar entre os estudos semiológicos, de informação e de comunicação” (Cagnin, 1975, p. 22). Esse pensamento de relacionar os aspectos interdisciplinares dos estudos em quadrinhos com a comunicação já vem desde a década de 1970. Cagnin, junto com Moacyr Cirne, foi um dos pioneiros das pesquisas de quadrinhos como uma área próxima à Comunicação, considerando principalmente o aspecto massivo de sua produção. Nessa mesma linha, podemos posicionar as histórias em quadrinhos enquanto objetos empíricos de análise, cuja relação interdisciplinar com outras áreas do saber científico é inegável. Esse vínculo já aparece em autores como Daniele Barbieri em seu livro *As linguagens dos quadrinhos*, publicado pela primeira vez em 1991 e com edição no Brasil em 2017. O autor italiano diz sobre as histórias em quadrinhos:

Duas ideias fundamentam o planejamento desta obra. A primeira é que as linguagens não são apenas instrumentos por meio dos quais comunicamos o que pretendemos: são também, e acima de tudo, ambientes nos quais vivemos e que, em boa parte, determinam o que queremos, além do que podemos comunicar. A segunda ideia é que esses ambientes que são as linguagens não constituem mundos separados, mas representam aspectos diversos do ambiente global da comunicação e estão, portanto, fortemente interconectados, entrelaçados em uma contínua interação recíproca. (Barbieri, 2017, p. 17)

O autor afirma que as linguagens dos quadrinhos são fruto do ambiente e da sociedade em que vivemos, e tudo isso está entrelaçado. No decorrer dos capítulos de seu livro, Barbieri (2017) estabelece a relação com outras linguagens artísticas e comunicacionais como a ilustração, caricatura, pintura, fotografia, cinema, etc, mas sem negar o caráter único presente dos quadrinhos que é fruto dessa interdisciplinaridade. Barbieri (2017) não pensa essas linguagens como algo isolado, mas como uma construção em conjunto com sua originalidade. “A linguagem central da discussão dessa obra são os quadrinhos,

mas nos ocuparemos dela por meio de uma exploração das relações que a linguagem dos quadrinhos tem com outras linguagens” (Barbieri, 2017, p. 19).

Aprofundamos essa questão da linguagem e da importância dos quadrinhos com o pesquisador brasileiro Moacy Cirne. da linguagem e da importância dos quadrinhos com o pesquisador brasileiro Moacy Cirne. Separamos duas passagens pertencentes ao livro *A explosão criativa dos quadrinhos* (1970), no qual ele diz:

Aos poucos, porém, foi-se verificando a fragilidade dos argumentos daqueles que investiam contra os quadrinhos: uma nova base metodológica de pesquisas culturais conseguiu estruturar a sua evolução crítica, problematizando-os a partir do relacionamento entre a reprodutibilidade técnica e o consumo em massa, que criariam novas posições estético-informacionais para a obra de arte (Cirne, 1970, p. 9).

O autor potiguar afasta o viés tradicionalista que permeia os quadrinhos por boa parte dos sociólogos e educadores, aproximando-se de uma base teórica das pesquisas sobre a cultura, adotando um olhar crítico sobre a reprodução técnica dos quadrinhos, seu caráter comunicacional e sua linguagem artística. Ele elabora um pensamento crítico relacionando o ensaio de Walter Benjamin “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” e a produção dos quadrinhos. A seguir, destacam-se alguns pontos de seu pensamento.

A arte sempre exigirá uma atitude contemplativa de seus poucos e privilegiados espectadores: com a explosão das técnicas reprodutoras (no século passado: a fotografia, a litografia, o cinema), caminhos implosivos puderam ser traçados em função de milhões de consumidores. Do que foi extraído - em Walter Benjamin, - tentemos algumas propostas:

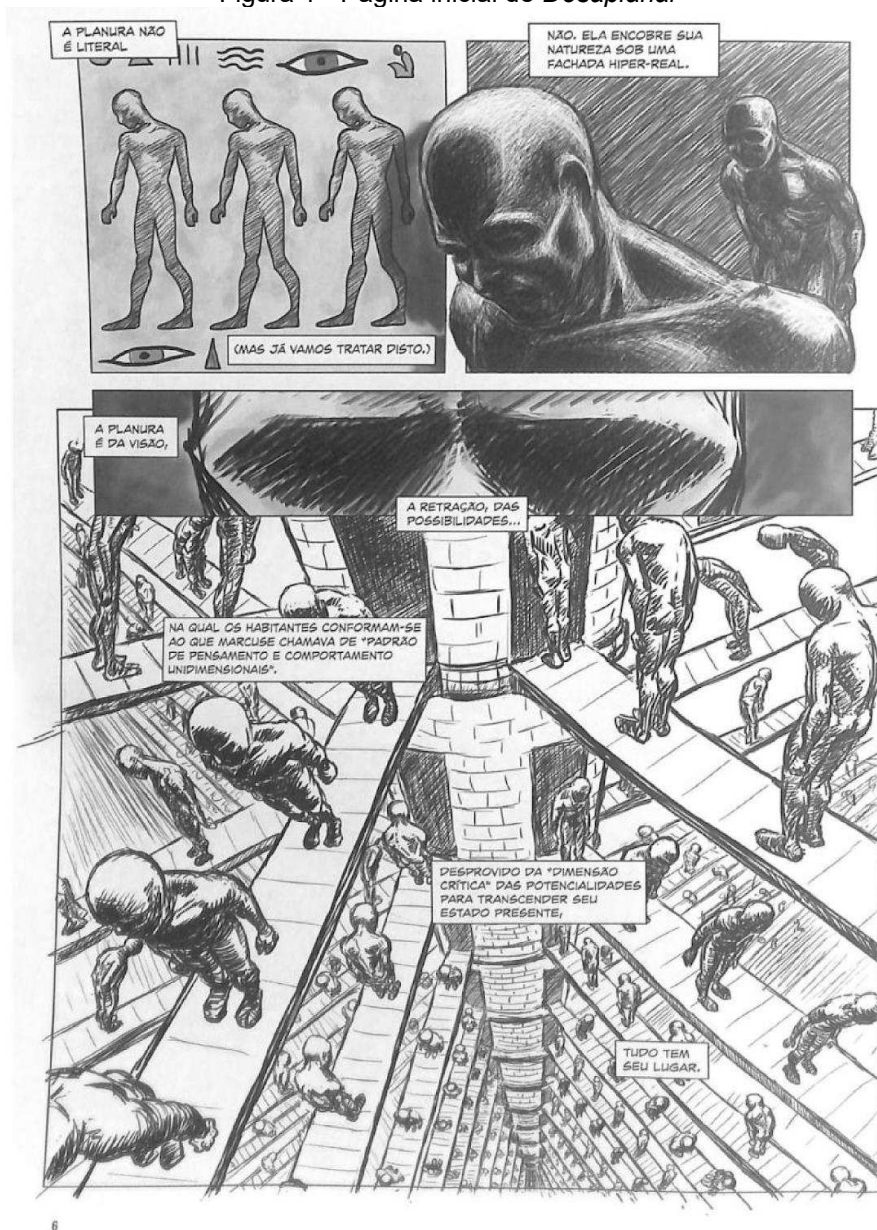
- A arte foi substituída por tecnologias orientadas pelas necessidades criativas e sociais.
- Novos materiais proporcionam novas possibilidades visuais, sonoras e ambientais.
- Todo objeto ou projeto gráfico que violente estruturas arcaicas, mesmo as relativas apenas à forma artística, tem conotações políticas.
- O consumo, para gerar relações qualitativas, deve-se colocar a partir da consciência crítica de uma dada realidade concreta.
- A massa funciona como matriz justamente porque os novos acontecimentos artísticos, fundamentados na reprodutibilidade (quantidade + qualidade = consciência crítica), permitem

reações criativas em cadeia: as versões (opções). Assim como o cinema ampliou as coordenadas operatórias da estética contemporânea, criando parâmetros visuais e políticos para a feitura e consumo da obra de arte, os quadrinhos — que não seriam enfocados por Walter Benjamin, talvez por desconhecer sua realidade espaço-temporal — ampliaram as perspectivas de invenção & consumo & radicalidade: o *Little Nemo* (1905), de Winsor McCay, já tem soluções formais e temáticas puramente surrealistas; os *Katzenjammer Kids* (Os Sobrinhos do Capitão), de Rudolph Dirks, são do mesmo ano de *Un Coup de Dés* (1897), a concretude mallarmaica; *Krazy Kat* (1911), de George Herriman, e *Bringing up Father* (Pafúncio e Marocas, 1912), de George McManus, apareceram antes do primeiro grande filme de Griffith; e em 1906 o nosso *O Tico Tico* já tinha uma tiragem de 30.000 exemplares! E se o cinema, ferramenta atuante da sociedade capitalista, tem como principal função revolucionária contestar antigas concepções estéticas (Walter Benjamin), o mesmo diremos dos quadrinhos: a cultura popular situada no próprio redemoinho da cultura elétrica do nosso tempo (Cirne, 1970, p.11).

Cirne argumenta que, a partir das ideias de Walter Benjamin, a arte foi substituída por tecnologias que atendem a necessidades criativas e sociais. O consumo artístico, para ser qualitativo, deve ser baseado numa consciência crítica da realidade. A massa, agora entendida como um agente criativo, reage em cadeia aos novos acontecimentos artísticos, como percebido no cinema e nos quadrinhos, que ampliaram as possibilidades de invenção e radicalidade.

Ele recorre ao uso de diversos quadrinhos que, assim como o cinema, desafiaram as convenções estéticas e sociais da época, situando-se no centro da cultura popular moderna. Cirne relaciona mais uma vez as histórias em quadrinhos ao consumo e à difusão por meio dos campos da comunicação, em especial na área gráfica dos jornais e das revistas.

Esse pensamento de Cirne e Benjamin serve justamente de crítica à ideia de planificação do conhecimento, pensamento comum aos intelectuais da Escola de Frankfurt. Essa crítica também é compartilhada por Nick Sousanis, que, em sua tese em formato de quadrinhos *Desaplanar*, publicada originalmente em 2015 e no Brasil em 2017, questiona esse pensamento plano, principalmente para refutar o pensamento de Herbert Marcuse (figura 1).

Figura 1 - Página inicial de *Desaplanar*

Fonte: Soutanis, 2017, p. 6. Acervo do autor.

O que Cirne, na década de 1970, e Soutanis, em 2015, propõem é que a história em quadrinhos não pode ser vista como um ponto único (plano) de construção de sentido. Isso é especialmente importante considerando seu caráter comunicacional, cultural e artístico. A outra passagem da obra de Cirne que gostaríamos de tratar está no livro *Vanguarda: um projeto semiológico*. Nesse livro o autor (Cirne, 1975) faz duas grandes divisões. Na primeira ele propõe um panorama das artes de vanguarda, em especial, a poesia concreta e o poema processo, e sua relação com um projeto semiológico. Já a segunda parte é dedicada aos quadrinhos como vanguarda, com enfoque grande nos

quadrinhos experimentais e brasileiros como expoentes desse pensamento vanguardista. Contudo, interessa a problematização que ele nos traz, dividida em três partes, com ênfase na terceira:

no panorama da cultura do século XX, os quadrinhos ocupam um lugar de vanguarda - ao lado de outras linguagens - em relação às manifestações de massa e aos produtos literários e para-literários que não sejam experimentais. Um lugar de vanguarda quanto ao consumo e quanto aos modelos discursivos de suas propostas estéticas, modelos estes que fustigam a própria literalidade das obras produzidas por um Faulkner, por Proust, por um Camus, por um Salinger (Cirne, 1975, p. 89).

Uma vez mais, os quadrinhos aparecem relacionados a outras linguagens, seja pelo viés que Barbieri (2017) apresenta, seja pelo próprio Cirne (1970) em sua leitura de Benjamin. Nesse caso, o autor está ligando a ideia vanguardista atrelada às linguagens dos quadrinhos às manifestações massivas e práticas de consumo. Isso torna, dentro de um pensamento de pesquisa do campo dos quadrinhos, um caminho mais aprofundado, seja como manifestação artística ou prática de comunicação com a massa. Os quadrinhos têm valor do ponto de vista discursivo ou estético justamente por terem essa difusão vanguardista e massiva, o que pode ser um contraponto às vanguardas do início do século XX.

O último ponto, sobre as condições de estudo em quadrinhos e seu viés interdisciplinar, é abordado a partir do artigo “Indiscipline, or, the condition of comics studies”, de Charles Hatfield (2010).

Esse artigo aborda questões referentes ao estudo atual das histórias em quadrinhos, enfatiza alguns métodos e ressalta algumas dificuldades e desafios, como a falta de padrão, por exemplo. Hatfield (2010) diz que a interdisciplinaridade nos estudos de quadrinhos é fundamental para reconhecer e lidar com as diferenças entre disciplinas, que, embora não sejam percebidas como conflitantes, podem levar a confusões, brigas e mal-entendidos, principalmente para os pesquisadores da área.

A interdisciplinaridade “sintética”, conforme definida por Lattuca, também se aplica. Na verdade, eu argumentaria que os estudos de quadrinhos até agora têm sido de fato sintéticos, se não de

caráter integracionista. [...]. Obviamente, o status dos quadrinhos como textos visuais os coloca na interseção ou sobreposição entre disciplinas; eles “pertencem” a vários campos diferentes. Como alternativa, poderíamos dizer que o status dos quadrinhos como textos visuais, ou como cultura popular, coloca-os “nas lacunas entre as disciplinas”, o que significa dizer que, até bem recentemente, os quadrinhos quase não “pertenciam” a nenhum campo acadêmico. Eles caíram nas brechas. De qualquer forma, os quadrinhos, por sua natureza, apresentam questões de pesquisa que ligam campos díspares. Os estudos de quadrinhos hoje, para usar as palavras de outro informante de Lattuca, “usam métodos, preocupações e teorias de diferentes disciplinas e [...] também ignoram o fato de que há lacunas no método e na teoria em cada uma das disciplinas de origem (Hatfield, 2010, p. 13, tradução nossa⁴).

O estudo de quadrinhos, segundo o autor, tem um suporte institucional e ele utiliza interdisciplinaridade “sintética” conforme a definição de Lattuca⁵, sobretudo pela ampla gama de teorias utilizadas e pelas lacunas que elas podem deixar durante as pesquisas. Isso é algo que dialoga com o já citado texto de Boaventura (2015) sobre o campo da comunicação. O que parece existir é uma lacuna que deve ser preenchida especialmente por debates no campo científico em eventos e universidades, algo que, por exemplo, na COMPÓS não ocorre (pelo menos não no campo dos quadrinhos). Trata-se de estabelecer esse diálogo em um padrão teórico e, principalmente, metodológico.

Considerações Finais

A partir dos dados e das reflexões apresentadas, podemos responder às perguntas feitas no começo desse texto. Como a COMPÓS trata as pesquisas em quadrinhos? Seja em Grupos de Trabalho (GT) específicos ou em números de artigos publicados? Não há muitos artigos publicados, assim como não há um

⁴ “Synthetic” interdisciplinarity as defined by Lattuca also applies. Indeed, I would argue that comics studies thus far has been de facto synthetic if not integrationist in character. [...]. Obviously, comics’ status as visual texts places them at the intersection or overlap between disciplines; they “belong” to several different fields. Alternately, we might say that comics’ status as visual texts, or as popular culture, places them “in the gaps between disciplines,” which is to say that, until fairly recently, comics have hardly “belonged” to any academic field at all. They have fallen through the cracks. Either way, comics by their nature pose research questions that link disparate fields. Comics studies today, to borrow words from another of Lattuca’s informants, “uses methods and concerns and theories from different disciplines, and [...] also ignores the fact that there are gaps in method and theory in each of the home disciplines.

⁵ LATTUCA, Lisa R. Creating interdisciplinarity: grounded definitions from college and university faculty.” *History of Intellectual Culture*, v. , n. 1, p. 1-20, 2003.

GT específico para trabalhar com quadrinhos e comunicação. Assim, algumas hipóteses são levantadas: Seria um desinteresse da COMPÓS em ter um GT sobre quadrinhos? Os pesquisadores sentem-se desconfortáveis em encaixar seu artigo no Grupo de Trabalho já existente? Não temos como responder essas perguntas, mas esses questionamentos servem como impulso para buscarmos uma relação epistemológica entre quadrinhos e comunicação.

O segundo questionamento era como o Encontro Anual da COMPÓS poderia ser um espaço para debater a existência dos quadrinhos como algo presente na área da comunicação. Ao longo deste texto, exploramos a trajetória das histórias em quadrinhos como uma linguagem moderna e interdisciplinar, que se consolidou não somente como um produto de entretenimento, mas também como um campo de estudo relevante para a comunicação e as ciências humanas. Desde suas origens no século XIX, com pioneiros como Angelo Agostini e Rodolphe Töpffer, até sua transformação em uma mídia global por meio dos mangás e das *graphic novels* contemporâneas, os quadrinhos demonstram uma capacidade única de dialogar com questões sociais, culturais e artísticas.

Desse modo, reforçamos os quadrinhos como uma linguagem autônoma, mas também o entendemos como uma possibilidade de estudos dentro do campo da comunicação, o que não desmerece eventos dedicados (que devem ser louvados e reconhecidos), mas que torna essencial sua existência em eventos grandes da área. Seguindo essa lógica, temos o Cinema, a Fotografia, a Música que têm GT próprios na COMPÓS. Desse modo, a resposta para o segundo questionamento está no processo de reativação (Normas, s./d.) da entidade, processo que acontece a cada quadriênio da entidade (Definidos, s./d.). Em 2021, em artigo publicado na revista *Intexto*, com título "Análise da pesquisa em HQs no Brasil: a contribuição da ECA-USP" os autores Paulo Vitor Martins Albuquerque, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho, João Elias Nery apresentam um panorama dos grupos de pesquisa em histórias em quadrinhos no Brasil.

Desses 28 grupos certificados pelo CNPq (...), que detém suas atenções especificamente aos quadrinhos, há ocorrências pertencentes a diversas áreas do conhecimento, tais como História, Artes, Comunicação, Matemática, Linguística, Direito,

Letras, Desenho Industrial, Filosofia, Ciência da Informação e Teologia, constatando que os quadrinhos são objeto de estudo em variados campos (Albuquerque, Marinho, Nery, 2021, p. 16).

Somados a esses números de grupos de pesquisa que se detêm sobre quadrinhos certificados pelo CNPq, temos a revista *9ª Arte*, que congrega em seu acervo, segundo dados retirados do site da revista em julho de 2025, mais de 240 artigos, publicados entre os anos de 2012 e 2025. A partir disso, parece natural que o caminho para a proposta de um GT de Quadrinhos e Comunicação no processo de reativagem da COMPÓS parta de um coletivo de pesquisadores(as) desses grupos, seja do mais tradicional Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA (USP), que organiza desde 2011 as *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos* (maior evento acadêmico sobre quadrinhos no Brasil), ou a partir de uma rede de grupos de pesquisa em quadrinhos. O certo é que, pela natureza interdisciplinar, faz-se necessário que exista um espaço no maior evento da área de comunicação do país para as histórias em quadrinhos.

A segunda parte do texto é dedicada a aprofundar o debate a partir do ponto de vista epistemológico a relação dos quadrinhos com o campo da comunicação, tendo como ponto de partida a interdisciplinaridade, que, embora apresente desafios metodológicos, é uma característica intrínseca aos quadrinhos, permitindo que eles sejam analisados sob múltiplas perspectivas, que vão da semiótica até à sociologia da cultura. Autores como Moacyr Cirne e Daniele Barbieri destacam a importância de se entender os quadrinhos não somente como uma forma de arte, mas como uma linguagem que reflete e influencia a sociedade em que está inserida. No entanto, como apontado por Charles Hatfield, ainda há lacunas a serem preenchidas no campo acadêmico, sobretudo no que diz respeito à padronização de métodos e teorias.

Apesar disso, os quadrinhos continuam a se afirmar como um espaço de vanguarda, capaz de desafiar convenções e propor novas formas de pensar a comunicação e a cultura. Assim, este texto reforça a necessidade de se ampliar o debate sobre os quadrinhos no âmbito acadêmico, reconhecendo seu potencial como uma linguagem que, além de popular, é profundamente enraizada na construção do conhecimento científico e cultural.

Referências

- ALBUQUERQUE, Paulo Vitor Martins; MARINHO, Gabriela Silva Martins da Cunha; NERY, João Elias. Análise da pesquisa em HQs no Brasil: a contribuição da ECA-USP. *Intexto*, Porto Alegre, n. 52, p. 103980, 2021. DOI: 10.19132/1807-8583202152.103980. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/103980>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- AZOULAY, Ariella Aïsha. *História potencial*. São Paulo: Editora UBU, 2024.
- BARBIERI, Daniele. *As linguagens dos quadrinhos*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2017.
- BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. A autoria na elaboração de uma tese. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- BARROS, Laan Mendes de. Experiência estética na cultura midiaticizada: hibridações entre música e história em quadrinhos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22º 2013, Salvador. *Anais eletrônicos...*, Salvador COMPÓS, 2013. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2013/trabalhos/experiencia-estetica-na-cultura-midiaticizada-hibridacoes-entre-musica-e-historia?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.
- BOAVENTURA, Katrine Tokarski. Katrine Tokarski Boaventura. Interdisciplinaridade e comunicação: um levantamento crítico. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 24º 2015, Brasília. *Anais eletrônicos...*, Brasília: COMPÓS, 2015. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2015/trabalhos/interdisciplinaridade-e-comunicacao-um-levantamento-critico?lang=pt-br>. Acesso em: 02 Jul. 2025.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: Edusc, 1999.
- CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Editora Ática, 1975.
- CAMPOS, Rogério de. *HQ: uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações*. São Paulo: Sesc, 2022.
- CAMPOS, Rogério de. *Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Veneta, 2015.
- CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- CIRNE, Moacy. *Vanguarda: um projeto semiológico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- COMPÓS [site]. Disponível em: <https://compos.org.br/>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- D'OLIVEIRA, Gêisa Fernandes; VERGUEIRO, Waldomiro. De discursos não competentes a saberes dominantes: reflexões sobre as histórias em quadrinhos no cenário brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 18º, 2009, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...*, Belo Horizonte: COMPÓS, 2009. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2009/trabalhos/de-discursos-nao-competentes-a-saberes-dominantes-reflexoes-sobre-as-historias-e?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DEFINIDOS os 24 Grupos de Trabalho para o quadriênio 2023-2026. *COMPÓS* [site]. Disponível em: <https://compos.org.br/2022/06/definidos-os-24-grupos-de-trabalho-para-o-quadrienio-2023-2026/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DRAVET, Florence Marie; MARCONDES, Ciro Inácio. Imagens-sonho e razão poética: aproximações entre o tarô e as histórias em quadrinhos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 29º, 2020, Campo Grande. *Anais eletrônicos...* Campo Grande: COMPÓS, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/imagens-sonho-e-razao-poetica-aproximacoes-entre-o-taro-e-as-historias-em-quadri?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1964.

FERIN, Isabel. *Comunicação e culturas do cotidiano*. 2. ed. Lisboa: Quimera, 2009.

FRANCO, Edgar Silveira. Histórias em quadrinhos e hipermídia: o processo criativo da HQtrônica “NeoMaso Prometeu”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 11º, 2002, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...*, Rio de Janeiro: COMPÓS, 2002. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2002/trabalhos/historias-em-quadrinhos-e-hipermidia-o-processo-criativo-da-hqtronica-neomaso-pr?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

FURTADO RAHDE, Maria Beatriz. Histórias em quadrinhos e pós-modernidade: da imagem grafada à Imagem digital. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 9º, 2000, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...*, Rio de Janeiro: COMPÓS, 2000. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2000/trabalhos/historias-em-quadrinhos-e-pos-modernidade-da-imagem-grafada-a-imagem-digital?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. A transposição luciferina de Hellblazer, das HQs para o cinema: a sedução dos pactos fáusticos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22º, 2013, Salvador. *Anais eletrônicos...*, Salvador: COMPÓS, 2000. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2013/trabalhos/a-transposicao-luciferina-de-hellblazer-das-hqs-para-o-cinema-a-seducacao-dos-pact?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

HATFIELD, Charles. Indiscipline, or, The condition of comics studies. *Transatlantica*, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 1-18, 22 jun. 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/transatlantica/4933>. Acesso em: 22 jan. 2025.

HELAL, Ronaldo George; FRANCO, José Carlos Messias Santos. Histórias em quadrinhos e a cultura contemporânea: a relação do herói com a autoridade policial e com o governo vigente. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20º, 2011, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: COMPÓS, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/historias-em-quadrinhos-e-a-cultura-contemporanea-a-relacao-do-heroi-com-a-autor?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 1as., 2011, São Paulo. *Anais das...* São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2011. Disponível em: <https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais1asjornadas.php>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 2as., 2013, São Paulo. *Anais das...* São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2013. Disponível em: <https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais2asjornadas.php>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 3as., 2015, São Paulo. *Anais das...* São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2015. Disponível em: <https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais3asjornadas.php>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 4as., 2017, São Paulo. *Anais das...* São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2017. Disponível em: <https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais4asjornadas.php>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 5as., 2018, São Paulo. *Anais das...* São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2018. Disponível em: <https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais5asjornadas.php>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 6as., 2019, São Paulo. *Anais das...* São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2018. Disponível em: <https://jornadas.eca.usp.br/anais/edicaoatual.php>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LUYTEN, Sonia Bibe. *O que é história em quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LUYTEN, Sonia Bibe. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. São Paulo: Hedra, 2012.

MUANIS, Felipe de Castro. Os limites do histórico no quadrinho documental. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28º, 2019, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: COMPÓS, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/os-limites-do-historico-no-quadrinho-documental?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

9ª ARTE (São Paulo). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. ISSN 2316-9877. Disponível em: <https://revistas.usp.br/nonaarte/about>. Acesso em: 13 jul. 2025.

NORMAS de reclusão dos Grupos de Trabalho da Compós. COMPÓS [site]. Disponível em: <https://compos.org.br/normas-de-reclusao-dos-grupos-de-trabalho-da-compos/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

SILVA JÚNIOR, Ademilton Gomes da; GOUVEIA, Fábio Gomes. DO Orum ao Ayê: a contribuição dos quadrinhos brasileiros de super-heróis para narrativas divergentes. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 33º, 2024, Niterói. *Anais eletrônicos...*, Niterói: COMPÓS, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/do-orum-ao-aye-a-contribuicao-dos-quadrinhos-brasileiros-de-super-herois-para-na?lang=pt-br>. Acesso em: 13 jul. 2025.

SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. São Paulo: Veneta, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. As histórias em quadrinhos como objeto de estudo das teorias da Comunicação. In: FRANÇA, Vera Veiga; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César (org.). *Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas*. Salvador - Brasília: Edufba - Compós, 2014.

Recebido em: 11.01.2025.

Aprovado em: 03.02.2025.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional